

# ***OS FÍSICOS* DE FRIEDRICH DÜRRENMATT: LOUCURA, CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE CIVIL**

Micaela da Silva Marques Moura  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Portugal  
micaela.marques.moura@gmail.com

## **Resumo:**

Neste artigo será feita uma apresentação da comédia *Os Físicos* do autor suíço Friedrich Dürrenmatt. Esta peça de teatro foi representada inúmeras vezes um pouco por todo o mundo e mantém-se actual até aos nossos dias. As razões para as constantes representações encontram-se no género literário escolhido por este autor helvético e também na sua concepção de literatura. Os temas que são aqui abordados - a ciência e a investigação - são áreas cujos avanços trouxeram grandes melhoramentos para o ser humano, no entanto, também podem ter consequências negativas. Todavia, a responsabilidade existe em alguns cientistas, como é caso da personagem Möbius.

## **Abstract:**

In this article will be made a presentation of the comedy *The Physicists* of the Swiss author Friedrich Dürrenmatt. This play has been represented countless times all over the world and remains current to this day. The reasons for the constant representations are in the literary genre chosen by this Swiss author and also in his conception of literature. The themes that are addressed - science and research - are areas whose advances have brought great improvements for the human being, however, they also can have negative consequences. Nevertheless, the civil liability exists in some scientists, as is the case of the character Möbius.

**Palavras-Chave:** Dürrenmatt, Os Físicos, Comédia, Ciência, Responsabilidade Civil

**Key-words:** Dürrenmatt, The Physicists, Comedy, Science, Civil liability

A ideia original para a comédia *Die Physiker*<sup>1</sup> surge ao autor suíço Friedrich Dürrenmatt durante uma estadia em Vulpera, no Cantão dos Grisões, no Verão de 1959. No entanto, é apenas em janeiro de 1961 que começa a redigi-la. A estreia absoluta dá-se a 20 de fevereiro de 1962, no *Schauspielhaus Zürich*. Depois de se tornar, na temporada 1962/63, a peça mais representada nos países de expressão alemã, ela passa a ser representada em todos os grandes palcos do mundo. Em 1964 é filmada pela ARD (primeiro canal da televisão alemã) e estreia na televisão a 5 de novembro do mesmo ano. O texto é editado pela primeira vez em 1962, com o subtítulo *Eine Komödie in zwei Akten* (Comédia em dois atos)<sup>2</sup>, na editora *Arche* (cf. PH: 94/95).

Esta peça estreia em Portugal a 26 de Abril de 1971, no Teatro Municipal Maria Matos, sob a orientação do encenador uruguaio Frederico Wolff, e é representada pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. O texto foi traduzido por Luís Filipe da Silva Rocha<sup>3</sup>; no entanto não consegui apurar a partir de que língua a comédia foi traduzida. Todavia, o mais provável terá sido que esta versão terá partido do texto em francês, prática comum, nesta altura, para os autores de língua alemã (cf. Zurbach, 2002: 412).

Sobe pela segunda vez aos palcos portugueses em maio de 2005; porém, apesar de o título ser o mesmo, trata-se de uma versão de *Os Físicos* de Friedrich Dürrenmatt. A produção coube ao grupo de teatro Cepa Torta e a tradução e adaptação foram realizadas por Miguel Pinto e Ana Sacadura.

---

1 O título em alemão da comédia *Die Physiker* vai ser abreviada neste artigo por PH.

2 Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo (1964, Lisboa: Portugalia Editora).

3 Informação retirada do programa de *Play Strindberg* de 1990.

Mais recentemente, em julho de 2017, a peça foi encenada por Lígia Roque. Trata-se de uma co-produção da Academia Contemporânea do Espetáculo de Famalicão e da Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão com interpretação dos alunos do 3º ano do Curso Profissional de Artes do Espetáculo-Interpretação da ACE Escola de Artes Famalicão e esta representação baseia-se na tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo<sup>4</sup>.

Além das produções profissionais, também são de destacar as representações de *Os Físicos* por grupos de estudantes, tais como, em junho de 2007, da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha<sup>5</sup> e em junho de 2018 por um grupo de alunos da Escola Alemã de Lisboa<sup>6</sup>.

Em livro, *Os Físicos* foram publicados em Portugal em 1964, pela *Portugália Editora*, no mesmo volume que contém a peça *A Visita da Velha Senhora*, onde na página inicial é mencionado de que se trata de uma tradução directa do alemão de Irene Issel e Jorge Macedo.

Esta comédia está estruturada em dois actos e tem lugar no manicómio *Les Cerisiers*, onde residem três físicos – Möbius, Einstein e Newton.

O primeiro acto inicia com a chegada do inspector da Polícia Richard Voß ao referido manicómio para averiguar a morte de uma enfermeira, assassinada pelo doente Einstein. Durante o interrogatório que o inspector faz à médica e proprietária do manicómio, Mathilde von Zahnd, esta explica-lhe que, na realidade, o paciente Einstein se chama Ernst Heinrich Ernesti, mas se julga o famoso cientista. Explica-lhe também que não se trata de um assassino, mas sim de um louco e que, por isso, não pode ser julgado. O mesmo já tinha sucedido três meses antes com o paciente Newton, que, na verdade, se chama Herbert Beorg Beutler, e que também não fora julgado pelo acto cometido. Os motivos para as mortes não ficam esclarecidos, mas o espectador fica a saber que estes doentes têm em comum o facto terem sido amados

---

4 Informação retirada da página: <https://www.viralagenda.com>, acedida em julho de 2018.

5 Informação retirada da página da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, acedida em julho de 2018.

6 Informação retirada da página da Escola Alemã de Lisboa, acedida em julho de 2018.

pelas enfermeiras que assassinaram. Depois desta conversa, o inspector Voß fica baralhado, uma vez que tem dificuldade em aceitar a terminologia de Mathilde von Zahnd, já que esta se refere ao *Mörder* (PH: 15) [assassino<sup>7</sup>] como *Täter* (PH: 15) [autor do delito<sup>8</sup>] e ao *Mord* (PH: 16) [assassinio<sup>9</sup>] como *Unglücksfall* (PH: 16) [desastre<sup>10</sup>], chegando o inspector ao ponto de se considerar a si próprio louco.

Na segunda cena a confusão do inspector, e consequentemente para o espectador, aumenta, quando este dialoga com Newton. Verificamos uma situação grotesca - uma inversão da ordem da realidade -, pois quem deveria dominar a conversa era o inspector, uma vez que é ele o representante da autoridade. No entanto, quem coloca as questões e explica que apenas os doentes estão autorizados a fumar no manicómio é Newton. O caos aumenta quando Newton afirma que na realidade é Einstein, mas, como não se considera louco e para não confundir Ernesti, que também se julga Einstein, assumiu a identidade de Newton. A cena grotesca ainda se agudiza mais quando Newton toca na principal problemática desta peça: “Möchten Sie mich verhaften, weil ich die Krankenschwester erdrosselt oder weil ich die Atombombe ermöglicht habe?” (PH: 22) [Queria prender-me porque estranquei a enfermeira ou porque tornei possível a bomba atómica?<sup>11</sup>].

A tematização da loucura continua na terceira cena, quando o inspector volta a falar com a médica von Zahnd e esta afirma que, na verdade, Newton/Beutler se julga como Newton. A dúvida sobre quem é realmente louco surge no inspector, e também no público, quando a médica faz a seguinte afirmação: “Für wen sich meine Patientin halten, bestimme ich.” (PH: 25) [Eu resolvo o que os meus doentes julgam ser.]<sup>12</sup>. Esta condução ao erro agrava-se

---

7 Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo (1964, Lisboa: Portugal Editora).

8 Ibidem.

9 Ibidem.

10 Ibidem.

11 Ibidem.

12 Ibidem.

quando a médica insinua que Einstein e Newton cometeram os assassinios, pois na sua actividade profissional, como físicos nucleares, teriam lidado com matéria radioactiva, o que terá alterado o seu cérebro. Assim, esta cena, tem o propósito de o inspector concluir que o mundo das pessoas ditas normais, corre os mesmos riscos que as pessoas doentes (cf. Eisenbeis, 2004: 9). Mas o inspector continua preocupado e pergunta quem é o terceiro paciente do manicómio, ao qual Matilde von Zahnd lhe responde que se trata de uma pessoa que está internada há quinze anos e que é completamente inofensiva.

Na quarta cena, que tem a função de elucidar o passado familiar e profissional do já mencionado doente, Möbius, este recebe a visita da ex-mulher (acompanhada pelo seu marido actual) e os três filhos. É de salientar que é nesta cena que este físico pela primeira vez recita um salmo do Rei Salomão, considerado o ponto alto deste acto e com o qual Möbius pretende provar aos seus familiares que está realmente louco e também alertar para os perigos da ciência.

Na cena seguinte, a enfermeira Monika Stettler, que cuida de Möbius, declara-se ao seu paciente (e este também lhe diz que a ama), explica-lhe que acredita nas suas visões do Rei Salomão e que inclusive já tem uma vida em conjunto para eles preparada. Aí o cientista não tem outra solução senão assassiná-la, pois receia que ela revele a sua sabedoria e é neste momento que confirma à enfermeira Monika Stettler (e aos espectadores) que não se considera louco (cf. PH: 45).

As duas primeiras cenas do segundo acto são a repetição da cena de averiguação do primeiro acto, tendo, no entanto, os diálogos a afirmar o contrário, isto é, eles correspondem à verdadeira ordem da realidade, porque quem domina agora os diálogos é o inspector Voß, que, no entanto, tinha aceiteado a ordem da realidade do manicómio. As enfermeiras mortas são substituídas por enfermeiros (*Pfleger*), todos campeões de desportos de luta.

O segundo ponto alto da peça dá-se na terceira cena deste segundo acto com o jantar dos três físicos, porque é aí que eles revelam que na realidade não estão loucos. Newton revela que, de facto, se chama Alec Jasper Kilton, fundou a *Begründerlehre*

[Teoria da analogia] e é um agente secreto (provavelmente de Oeste). Einstein na verdade chama-se Joseph Eisler, descobriu o *efeito de Eisler*, e também é agente secreto (provavelmente de Leste). Ambos querem apoderar-se das investigações realizadas por Möbius, que descobriu a *fórmula mundial* para o seu país. Quando este último revela que queimou os seus estudos, os outros dois cientistas reconhecem que já não faz sentido manterem-se no manicómio. Mas Möbius tenta convencê-los a ficar no manicómio por várias razões: a ciência é horrível, a investigação perigosa e os resultados das investigações podem ser fatais. A única solução para evitar estes factos é permanecerem no manicómio: “Nur im Irrenhaus sind wir noch frei...” (PH: 75) [Só no manicómio continuamos livres...]<sup>13</sup>. Todavia, os agentes secretos apenas ficam convencidos a continuar no manicómio, quando Möbius lhes explica que, se saírem deste refúgio, os seus assassinios passam a ser considerados crimes. Kilton e Eisler aceitam esta solução como castigo pelos actos cometidos e, ao mesmo tempo, dão o seu contributo para a salvação da humanidade. Aparentemente a peça acaba bem, todavia a cena final cabe a Mathilde von Zahnd, que revela que fez cópias dos estudos de Möbius, antes de ele os destruir, e que vai tirar proveito deles.

Na estrutura da peça aqui descrita constatámos traços da tragédia clássica, nomeadamente a lei das três unidades, facto que o próprio autor suíço explica ao leitor no texto introdutório à peça<sup>14</sup>:

(...) haben wir uns doch vorgenommen, die Einheit von Raum,  
Zeit und Handlung streng einzuhalten; einer Handlung, die unter  
Verrückten spielt, kommt nur die klassische Form bei.<sup>15</sup> (PH: 12)

---

13 Ibidem.

14 Este texto introdutório vai ao encontro das expectativas brechtianas do que deve ser um texto épico. Nele Dürrenmatt informa o espectador sobre a hora e o local da ação, as personagens e os acontecimentos mais importantes que precederam a história da peça (cf. Eisenbeis, 2004: 47).

A investigadora Elisabeth Brock-Sulzer (1986: 113) considera esta peça dürrenmattiana uma excelente obra para o estudo da questão das três unidades aristotélicas, pois existe unidade de local: a ação passa-se apenas num quarto; unidade de tempo: a ação da peça tem exatamente a mesma duração que a representação da peça em palco; e unidade de ação: há apenas uma linha de ação.

No entanto, o autor suíço adverte que “im Gegensatz zu den Stücken der Alten” (PH: 14) [ao contrário das peças clássicas<sup>16</sup>], esta comédia vai ser precedida de um *Satyrspiel* (PH: 14) [a sátira<sup>17</sup>], referindo-se ao primeiro acto desta peça. Era usual no drama clássico, como explica Manfred Eisenbeis (2004: 48), depois da representação de três tragédias, a apresentação de um epílogo alegre. No caso de Dürrenmatt, esta alusão ao teatro clássico é irónica, uma vez que pretende mostrar ao espectador a discrepância existente entre a forma e o conteúdo de *Os Físicos*, que se afasta da estética. Além disso, era seu objetivo mostrar o paradoxo dos acontecimentos, que espelham as contrariedades da vida, e nestas contrariedades está incluído o conteúdo trágico desta peça, que não corresponde a uma comédia (Eisenbeis, 2004: 48). O próprio Dürrenmatt explicou que as temáticas da tragédia clássica e do mito estão sabiamente relacionadas com a ciência:

Ich glaube, die Verbindung von Wissenschaft und Tragik kommt in den *Physikern* eigentlich dadurch zustande, daß ich den alten Ödipus-Stoff aufgenommen habe. Und zwar nicht, indem ich da psychologisiere, wie man das sonst macht, sondern indem ich die Struktur des Ödipus-Dramas aufnehme. Das heißt: Ein Mensch erfährt durch ein Orakel sein Schicksal. Und er wird nun dazu gezwungen, diesem Schicksal entgehen zu wollen, wodurch er gerade diesem Schicksal entgegenläuft. Seine Flucht ist ein Hineingehen in sein

---

15 (...) porque resolvemos respeitar integralmente a unidade do local, do tempo e da ação; a forma clássica é a que melhor se presta para uma ação que se passa entre doidos. (Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, 1964, Lisboa: Portugalíia Editora).

16 Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo (1964, Lisboa: Portugalíia Editora).

17 Ibidem.

Schicksal. (...) Und nun ist Möbius ein Wissenschaftler, der von den Auswirkungen seines Denkens flüchten will. Er kann sich vorstellen, was Resultate seines Denkens hervorgebracht haben. Ich denke dabei natürlich daran, daß Einstein durch seinen warnenden Brief an Roosevelt den Bau der Atombombe veranlaßt hat. (Deuticke, 1982: 39)<sup>18</sup>

A principal problemática desta peça centra-se na responsabilidade dos cidadãos perante o mundo. Ponto de partida foi o lançamento da primeira bomba atômica sobre Hiroxima, a 6 de agosto de 1945, fazendo com que o mundo se consciencializasse do poder mortífero que esta possui. Mas a bomba atômica foi apenas o início da questão. Depois dela vieram muitos outros avanços na ciência que, por um lado, em muito contribuíram para o melhoramento da vida humana, mas, por outro lado, também trouxeram muitos males para a humanidade. Todavia, estas são apenas duas perspectivas da questão. Com a evolução tecnológica também se coloca a questão do aproveitamento dos resultados científicos por militares e políticos - outro tema central da peça *Os Físicos*. Em oposição a este aproveitamento, surgem cientistas que revelam sentimentos de culpa e se sentem responsáveis pelos avanços negativos da ciência e é a este grupo de cientistas que pertence Möbius.

Esta personagem leva-nos à questão do *mutiger Mensch* (homem corajoso), tema recorrente na obra dürrenmattiana e que o mesmo define do seguinte modo no seu ensaio *Theaterprobleme*: “Dies ist denn auch eines meiner Hauptanliegen. Der Blinde, Romulus, Übelohe, Akki sind mutige Menschen. Die verlorene Weltordnung wird in ihrer Brust wieder hergestellt,

---

18 Penso que a ligação entre a ciência e o trágico n’*Os Físicos* surgiu na realidade quando retomei o tema de Édipo. Mas não ao tratá-lo psicologicamente, como se costuma fazer, mas sim retomando a estrutura do drama de Édipo. Isto é: O homem toma conhecimento do seu destino através do oráculo. E ele vai ser obrigado a querer escapar a este destino, pelo que vai precisamente ao encontro deste destino. A sua fuga é um entrar no seu destino. (...) E Möbius é um cientista que quer fugir das consequências do seu pensamento. Ele consegue imaginar o que é que os resultados do seu pensamento provocaram. Como é óbvio penso aqui como Einstein, através de uma carta de alerta a Roosevelt, determinou a construção da bomba atômica. (Minha tradução, abreviado neste artigo por m.t.)



(....)”(TEGR<sup>19</sup>: 63)<sup>20</sup>. Assim, na obra de Dürrenmatt os *mutige Menschen* substituem de certo modo os heróis trágicos e são capazes de recuperar “[d]ie verlorene Weltordnung” (Ibidem: 63) [a ordem mundial perdida (m.t.)]. É, pois, em *Os Físicos* que surge, pela última vez, este tipo de personagem, representado pelo cientista Möbius. Esta personagem revela-se *corajosa* por vários motivos: renunciou à sua família e à sua carreira para assumir a responsabilidade da sua descoberta científica e agir consequentemente. Porém, Möbius tem de reconhecer que foi o acaso que o levou para um manicómio, onde se encontram agentes disfarçados (Newton e Einstein), que pretendem apoderar-se da sua *fórmula mundial*, deixando todos as suas decisões *corajosas* sem consequências.

A temática do acaso conduz-nos a uma das principais conclusões deste texto e que está estreitamente relacionado com os *21 pontos sobre os Físicos*<sup>21</sup> (*21 Punkte zu den Physikern*) - adenda que Dürrenmatt acrescentou no final do texto para auxiliar os leitores na compreensão da peça - nomeadamente com os pontos 3 e 4, onde se afirma que:

3. Eine Geschichte ist dann zu Ende gedacht, wenn sie ihre schlimmstmögliche Wendung genommen hat.

4. Die schlimmstmögliche Wendung ist nicht voraussehbar. Sie tritt durch Zufall ein. (PH: 91)<sup>22</sup>

O facto de Mathilde von Zahnd ter copiado as investigações feitas por Möbius é um acaso, e finaliza esta história com a viragem mais trágica. Fins trágicos são típicos deste escritor helvético e que, provocados por um acaso (ou vários), surgem nas suas

---

19 A obra *Theater, Essays, Gedichte und Reden* de Friedrich Dürrenmatt vai ser neste artigo abreviado por TEGR.

20 Esse também é um dos meus principais objectivos. O cego, Rómulo, Übelohe, Akki são homens corajosos. A ordem do mundo perdida é reconstruída no peito deles, (...) [m. t.].

21 Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo. 1964, Lisboa: Portugalíia Editora).

22 3. Uma história fica pensada até ao fim quando tomou o pior rumo possível. 4. Não se pode prever o pior rumo possível. Acontece por acaso. (Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo. 1964, Lisboa: Portugalíia Editora).

obras num determinado ponto da ação, que não foram provocadas pelas personagens e que contradizem os procedimentos planeados. No mundo caótico apresentado por Dürrenmatt surge assim o acaso – em vez da responsabilidade e do planeamento – na forma do grotesco e que o auxilia na obtenção do efeito de estranhamento pretendido<sup>23</sup> (cf. Pasche, 1997: 9). Friedrich Dürrenmatt pretendia obter nos seus espectadores o referido efeito de estranhamento, pois entendia as peças de teatro como espelhos da realidade. Estas deviam representar as nossas vidas e o seu objectivo consistia em alertar os espectadores para situações reais e levá-los à reflexão crítica (cf. Deuticke, 1982: 47). No entanto, na sua opinião, este efeito não se obtinha através da tragédia de tradição aristotélica, porque nesse caso o público já conhecia o tema que ia ser abordado, mas antes com um tema desconhecido (cf. TEGR: 36). Muitas vezes para conseguir a referida reflexão no público é necessário recorrer ao já anteriormente referido grotesco. Mais tarde no ensaio *Theaterprobleme* (1954) [Problemas do Teatro] dirá o autor a esse respeito:

Unsere Welt hat ebenso zur Groteske geführt wie zur Atombombe, (...). Doch das Groteske ist nur ein sinnlicher Ausdruck, ein sinnliches Paradox, die Gestalt nämlich einer Ungestalt, das Gesicht einer gesichtslosen Welt, und genau so wie unser Denken ohne den Begriff des Paradoxen nicht mehr auszukommen scheint, so auch die Kunst, unsere Welt, die nur noch ist, weil die Atombombe existiert: aus Furcht vor ihr. (TEGR: 62)<sup>24</sup>

---

23 Para melhor compreensão do que é o *efeito de estranhamento* em Dürrenmatt cf. Micaela Moura: 2014.

24 O nosso mundo levou tanto ao grotesco como à bomba atómica, (...). Mas o grotesco é apenas uma expressão sensorial, um paradoxo sensorial, a forma de um sem forma, a face de um mundo sem face. E do mesmo modo como o nosso pensar parece já não passar sem o conceito do paradoxo, assim também a arte, o nosso mundo, que apenas existem porque existe a bomba atómica: com receio dela. (m.t.)

Também é este acaso que culmina na comédia: “Die schlimmstmögliche Wendung, die eine Geschichte nehmen kann, ist die Wendung in die Komödie.”<sup>25</sup> Komödie.”<sup>25</sup> (W<sup>26</sup>: 128). Como o próprio autor explica:

Die schlimmstmögliche Wendung ist für mich ja kein weltanschauliches, weltanschauliches, sondern ein dramaturgisches Prinzip. Ich frage mich eben: Wie ist ein Mensch am besten darzustellen? Ein Mensch im täglichen täglichen Leben ist sehr schwer darzustellen auf dem Theater. Das Theater braucht Extremfälle, damit der Mensch darstellbar wird. Darum wird ja auf dem Theater soviel gemordet und soviel gestorben. Für mich sind das auch Komödien. Das heißt, man kann sie nur schreiben, wenn man drübersteht, und die Katastrophe ermöglicht es, den Menschen darzustellen. Da wird der Mensch am wahrsten; am darstellbarsten würde ich sagen. (Deuticke, 1982: 22)<sup>27</sup>

Por fim, ainda encontramos nesta peça mais duas temáticas de Dürrenmatt<sup>28</sup>. Em primeiro lugar, o motivo do labirinto, simbolizado pelo manicómio, e o mitema do Minotauro, na figura da médica Mathilde von Zahnd:

Kreuzer: Wenn Möbius jetzt das Rätsel der Gravitation gelöst, die Weltformel gefunden hat, nach der Einstein vergeblich suchte, und damit die Gravitationsbombe, dann ist das ja nur die Überhöhung des realen Einstein-Problems.

---

25 A pior viragem que uma história pode tomar é a viragem para o cómico. (m.t.)

26 Friedrich Dürrenmatt (1980), “Die Wiedertäufer – Eine Komödie in zwei Teilen – Urfassung”, *Werkausgabe in dreißig Bänden*, Band 10, Zürich, Diogenes.

27 Para mim a pior viragem não é um princípio ideológico, mas sim dramático. Questiono justamente: Qual é a melhor forma de representar o homem? É extremamente difícil representar em palco o homem na vida diária. O teatro necessita de casos extremos para que o homem possa ser representado. É por isso que no teatro se mata e morre tanto. Para mim isso também são comédias. Isto é, só as conseguimos escrever se nos encontrarmos por cima, e a catástrofe possibilita a representação do homem. É aí que o homem se torna mais verdadeiro; melhor representável diria eu. (m.t.)

28 Sobre a conceção de literatura deste autor helvético cf. Micaela Moura: 2014.

Dürrenmatt: Natürlich. Und die Konsequenz die Flucht in das Irrenhaus. Das Irrenhaus ist das Labyrinth, wo man ihn nicht sucht.

Kreuzer: Aber schon ist es zu spät.

Dürrenmatt: Es ist zu spät, weil der Minotaurus dort wartet, diese Irrenärztin, die ja ebenfalls verückt ist und die an Möbius' glaubt. (Deuticke, 1982: 39/ 40)<sup>29</sup>

Neste excerto de entrevista, Dürrenmatt<sup>30</sup> explica que interpreta a personagem Möbius como o Minotauro que se refugia no manicómio, símbolo do labirinto, para fugir da sua responsabilidade de cientista.

Em segundo lugar, o mito de Édipo, como o próprio autor corrobora:

Das Überraschende ist, daß man den mythischen Stoff wiederfindet. Bei den *Physikern* zum Beispiel ist das Labyrinth sicher wichtig, und zwar in einer ganz simplen Form: als Irrenhaus. Aber andererseits ist dann wieder Ödipus da: an der Stelle des Orakels tritt die Wissenschaft, die ja dadurch Wissenschaft ist, daß sie etwas voraussagen kann. (Deuticke, 1982: 25)<sup>31</sup>

Como constatámos no começo deste artigo, esta peça de teatro foi representada desde o início com grande êxito na Suíça e na Alemanha e um pouco por todo o mundo. A comédia foi gravada para televisão e o texto foi

---

29 Kreuzer: Se Möbius agora resolveu o mistério da gravitação, se encontrou a fórmula universal, que Einstein procurou em vão, e deste modo a bomba da gravitação, isto é apenas a sobrevalorização do real problema de Einstein.

Dürrenmatt: Está certo. E a consequência a fuga para o manicómio. O manicómio é labirinto, onde ele não é procurado.

Kreuzer: Mas é demasiado tarde.

Dürrenmatt: É tarde, porque o Minotauro está lá à espera, que é a médica do manicómio, que também é louca e que acredita na loucura de Möbius. (m.t.)

30 In: DVD, “La Ballade du Minotaure” de Charlotte Kerr.

31 O surpreendente é que se encontra de novo o tema mitológico. N’ *Os Físicos*, por exemplo, o labirinto, com certeza é importante, e de uma maneira muito simples: como manicómio. Mas, por outro lado, o Édipo surge de novo: em vez do oráculo surge a ciência, que se torna ciência, porque pode prever coisas. (m.t.)

editado em livro. Verificámos que também em Portugal a peça foi representada por diversas vezes, pela primeira vez, em 1971, depois em 1990 e 2008 e mais ainda recentemente em 2017, o que demonstra claramente o interesse ao longo dos anos e também a atualidade do texto. Mas não são apenas os encenadores e os actores profissionais que demonstram interesse pela peça. Também o facto de ter sido representado por grupos de alunos aos longo dos anos, como já foi mencionado anteriormente, realça a relevância desta peça. Assim, esta comédia junta-se a outras duas peças de Dürrenmatt, que, apesar de terem sido redigidas há várias décadas, confirmam a originalidade e a perseverança, características deste autor e, também, a actualidade dos seus textos, que se reflecte naturalmente no seu êxito mundial. Refiro-me às peças *A Visita de Velha Senhora*<sup>32</sup>, representada em Portugal em 1960 e em 2013 e *Play Strindberg*<sup>33</sup>, que subiu aos palcos portugueses em 1972, em 1990, em 2008 e ainda em 2015.

Também os testemunhos recepcionais dão conta da modernidade desta peça, que era considerada atual tanto em 1971 como em 2017. O primeiro testemunho recepcional que encontrei sobre esta peça em jornais portugueses encontra-se no diário *A Capital*, a 24 de Abril de 1971, intitulado *Cénico de Direito – três razões para ‘os físicos’*, e assinado pelo articulista F.G.

Apesar de se tratar de um texto extenso, menciona a peça *Os Físicos* apenas no início, onde se esclarece o leitor que tematicamente se trata de uma obra perfeitamente actual, já que os dois problemas principais apontados por Dürrenmatt são dos mais candentes dos nossos dias: por um lado, que o gigantesco avanço da ciências nos últimos anos não foi acompanhado por um correspondente desenvolvimento social e, por outro, que esse avanço é hoje utilizado não exatamente em serviço do homem, mas, mais concretamente, para a sua destruição e, ao mesmo tempo, para a manutenção desse mesmo atraso social.

---

32 Cf. Micaela Moura: 2008.

33 Cf. Micaela Moura: 2014.

Já o artigo seguinte deste diário, publicado a 27 de Abril de 1971, com o título *O cénico da Associação de Direito reaparece (mal) com Dürrenmatt*, foi escrito pelo prestigiado crítico de teatro Carlos Porto. O articulista começa por dar a sua definição de teatro universitário, uma vez que é “a pedra de toque da qual se interferirá o significado global do seu trabalho.” Para tal, Carlos Porto entende “um espectáculo universitário” como uma meditação sobre o teatro como agitador de ideias e como experiência de formas, meditação que deverá partir e prolongar-se numa reflexão consciencializante dos problemas que à nossa sociedade interessam. Nesse sentido o articulista concorda com a escolha tomada pelo Cénico de Lisboa de levar *Os Físicos* de Friedrich Dürrenmatt aos palcos portugueses, porque esta peça “apresenta um problema de grande e grave actualidade e importância”.

O último testemunho é o texto de apresentação da peça em 2017 e onde esta é descrita como “[d]rama satírico escrito em 1961 em plena Guerra Fria, no mesmo ano em que foi erguido o muro de Berlim. Numa época de grandes desenvolvimentos na ciência e na tecnologia nuclear e no rescaldo de Hiroshima e Nagasaki, a peça debruça-se sobre a ética na ciência e as responsabilidades cívicas do ser humano. Em 2017, num tempo assombrado de novo por calamidades humanitárias, construção agressiva de muros e fronteiras, constantes atentados terroristas, perigosos testes nucleares, catástrofes ambientais e por chefes de estado loucos e irresponsáveis, este texto renova-se de sentidos.”

Como conclusão, diremos que esta peça de teatro revela numerosos traços da escrita e da conceção de literatura de Friedrich Dürrenmatt. Por um lado, o género literário escolhido, a comédia, que, na perspectiva deste autor helvético, é o único género que pode resolver os problemas dos homens, pois estes vivem num mundo caótico (cf. TEGR: 62), bem como a técnica do efeito de estranhamento e o grotesco, que fazem rir os espectadores, mas também

levam à reflexão sobre o que estão a ver, meios recorrentes na sua obra (cf. Moura, 2017: 149).

E, por outro lado, os temas apresentados, pois o que é representado em *Os Físicos* ainda é uma realidade de hoje. A ciência e a investigação são perigosas e o seu mau aproveitamento pode ter consequências graves. No entanto, a responsabilidade civil existe em alguns cientistas – como Möbius – que acarreta a sua culpa, tornando-se no entendimento dürrenmattiano um homem *corajoso*.

Em suma, a actualidade e a modernidade deste texto são precisamente justificadas por estas características e validam as inúmeras representações em teatro ao longo de décadas, tanto em Portugal como em outros países.

### Referências bibliográficas:

BROCK-SULZER, E. (1986), “Friedrich Dürrenmatt – Stationen seines Werkes. Mit Fotos, Zeichnungen, Faksimiles”, Zürich: Diogenes.

Cepa Torta. Página da Companhia. Disponível em: <https://www.cepatorta.org>. Acedido em julho 2018.

CETbase. *Teatro em Portugal*. Base de dados. Disponível em: <http://ww3.fl.ul.pt/CETbase>. Acedido em julho 2018.

DEUTICKE, Franz (Hsrg.) [1982], “Die Welt als Labyrinth – Die Unsicherheit unserer Wirklichkeit. Franz Kreuzer im Gespräch mit Friedrich Dürrenmatt und Paul Watzlawick”, Wien: Verlagsgesellschaft u. B. H.

DÜRRENMATT, Friedrich (1964), “A Visita da Velha Senhora: Comédia trágica, com posfácio – Os Físicos”, Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, Lisboa: Portugália Editora.

DÜRRENMATT, Friedrich (1980a), “Die Wiedertäufer – Eine Komödie in zwei Teilen – Urfassung”, *Werkausgabe in dreißig Bänden*, Band 10, Zürich: Diogenes.

DÜRRENMATT, Friedrich (1980b), “Theater, Essays, Gedichte und Reden“, in: Friedrich Dürrenmatt, *Dürrenmatt Werkausgabe in 29 Bänden*, Bd. 24, Zürich: Arche.

DÜRRENMATT, Friedrich (1998), “Die Physiker – Eine Komödie in zwei Akten – Neufassung 1980”, *Werkausgabe in siebenunddreißig Bänden*, Band 7, Zürich: Diogenes.

EISENBEIS, Manfred (2004), “Friedrich Dürrenmatt – Die Physiker”, Stuttgart: Klett Verlag.

MOURA, Micaela (2008). *Tradução Directa ou Indirecta? A recepção da (primeira) obra de Friedrich Dürrenmatt em Portugal*. Polissema – Revista de Letras do ISCAP n.º 9, pp. 137-144.

MOURA, Micaela (2014). *Play Strindberg de Dürrenmatt – Uma peça da atualidade. Algumas Considerações*. E-rei – E-Revista de Estudos Interculturais do CEI n.º 4. Disponível em: <http://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI>.

MOURA, Micaela (2017). *Breves considerações sobre a conceção de literatura em Friedrich Dürrenmatt*. Polissema – Revista de Letras do ISCAP no. 17, pp. 141-162.

PASCHE, Wolfgang (1997), „Interpretationshilfen Friedrich Dürrenmatts Kriminalromane – Der Richter und sein Henker, Der Verdacht, Die Panne, Das Versprechen“, Stuttgart: Ernst Klett Verlag.

ZURBACH, Christine (2002), “Tradução e Prática de Teatro em Portugal entre 1975 – 1988”, Lisboa: Edições Colibri.